

Douglas Oliveira de Jesus

A jornada psicológico-simbólica de Shinji Ikari: Uma análise do mangá “Neon Genesis Evangelion” à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Uberlândia

2024

Douglas Oliveira de Jesus

A jornada psicológico-simbólica de Shinji Ikari: Uma análise do mangá “Neon Genesis Evangelion” à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Tommy Akira Goto

Uberlândia

2024

Douglas Oliveira de Jesus

A jornada psicológico-simbólica de Shinji Ikari: Uma análise do mangá “Neon Genesis Evangelion” à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Tommy Akira Goto

Banca Examinadora

Uberlândia, 14 de maio de 2024

Prof. Dr. Tommy Akira Goto (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Prof. Esp. Renato Santiago Bandola de Oliveira (Examinador)

Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé - Guaxupé-MG

Ma. Giovana Rodrigues Machado (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Uberlândia

2024

Resumo

O anime “Neon Genesis Evangelion”, produzido pelo estúdio Gainax e dirigido por Hideaki Anno, é reconhecido como uma obra influente na cultura pop japonesa e global. Sua versão em mangá foi lançada em 1994 por Yoshiyuki Sadamoto, designer de personagens, que também trabalhou na produção do anime. Toda expressão artística, em especial a literatura, pode impactar profundamente a vida daqueles que a consomem. Ao explorar arquétipos universais, a literatura reflete aspectos reais e convida os leitores a buscar significado. Este estudo propõe uma análise psicológica do mangá "Neon Genesis Evangelion" sob a perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, destacando os arquétipos e as manifestações do inconsciente coletivo presente na obra. Para análise foi utilizado o método desenvolvido por Marie-Louise von Franz para interpretação dessa forma literária, com o intuito de explorar o conteúdo psicológico-simbólico presente na obra. O processo de individuação, central na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, refere-se ao desenvolvimento psicológico de cada indivíduo, esse processo, composto por algumas fases visa integrar os aspectos conscientes e inconscientes da psique, com o intuito de alcançar um estado de totalidade psicológica. Assim, ao explorar a jornada psicológica de Shinji Ikari, este estudo pôde destacar as influências do inconsciente coletivo, e o impacto dos elementos simbólicos no processo de individuação.

Palavras-Chave: Neon Genesis Evangelion, Individuação, Arquétipos.

Abstract

The anime “Neon Genesis Evangelion”, produced by studio Gainax and directed by Hideaki Anno, is recognized as an influential work in Japanese and global pop culture. Its manga version was launched in 1994 by Yoshiyuki Sadamoto, character designer, who also worked on the anime's production. Every artistic expression, especially literature, can profoundly impact the lives of those who consume it. By exploring universal archetypes, literature reflects real aspects and invites readers to search for meaning. This study proposes a psychological analysis of the manga "Neon Genesis Evangelion" from the perspective of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology, highlighting the archetypes and manifestations of the collective unconscious present in the work. For analysis, the method developed by Marie-Louise von Franz was used to interpret this literary form, with the aim of exploring the psychological-symbolic content present in the work. The process of individuation, central to Carl Gustav Jung's Analytical Psychology, refers to the psychological development of each individual. This process, composed of some phases, aims to integrate the conscious and unconscious aspects of the psyche, with the aim of achieving a state of psychological wholeness. Thus, by exploring Shinji Ikari's psychological journey, this study was able to highlight the influences of the collective unconscious, and the impact of symbolic elements on the individuation process.

Keywords: Neon Genesis Evangelion, Individuation, Archetypes.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Literatura e Psicologia.....	9
3. Método	11
4. O processo de individuação: desenvolvimento arquetípico da vida humana.....	14
5. Neon Genesis Evangelion e a jornada psicológico-simbólica de Shinji Ikari.....	23
6. Considerações Finais.....	36
7. Referências	37

1. INTRODUÇÃO

O aclamado *anime* “Neon Genesis Evangelion”, estreado no ano de 1995, produzido pelo estúdio Gainax e dirigido pelo animador e diretor japonês Hideaki Anno, tem sido considerado uma das obras mais populares e influentes dos *animes*. Ao envolver o gênero *mecha* (Robôs gigantes) com simbolismos religiosos, discussões filosóficas e o desenvolvimento psicológico dos personagens, a série produziu um impacto profundo na cultura *pop* japonesa e global. Embora tenha sido projetado inicialmente para a televisão, “Neon Genesis Evangelion” foi publicado primeiro como mangá no ano de 1994 pela revista *Shonen Ace*, ilustrado pelo designer de personagens Yoshiyuki Sadamoto, que participou da produção do *anime* e ficou responsável pela versão em mangá da história.

A produção da série para a TV passou por alguns obstáculos na época, o que refletiu na forma em que a obra foi contada que, segundo Cavallaro (2009), devido a questões orçamentais, o final originalmente planejado precisou ser modificado, o que fez que os dois episódios finais da série fossem adaptados, resultando em um final abstrato e experimental. Na época isso dividiu a opinião dos fãs. Mais tarde, devido ao sucesso da série, o diretor conseguiu recursos para adaptar o final original, que foi contado em dois longas metragens: “Death & Rebirth” e “End of Evangelion”, ambos lançados em 1997.

A inovação significativa introduzida pela série no mundo dos mangás/animes, de acordo com Mendes (2006), foi a mudança do foco do conflito, antes centrado nas batalhas, típicas dos quadrinhos *mecha*, para os problemas pessoais dos personagens principais. Dessa forma, a atenção foi deslocada do aspecto de combate para o universo humano e psicológico dos personagens. A própria concepção da obra, marca um período chave para o seu criador, Anno relata em algumas entrevistas sobre seu estado mental na época, e de como a criação da série foi marcante para ele. Em um texto escrito para os fãs durante a produção da série em 1995, Anno escreveu:

Dizem que “viver é estar em constante transformação”. Comecei a criar esta obra na esperança de que, ao final da história, o mundo e seus personagens tenham sofrido mudanças. É o meu mais sincero desejo. Em “Neon Genesis Evangelion” depositei tudo deste homem, que passou quatro anos da vida estagnado, sem conseguir realizar nada do que queria. Passei quatro anos fugindo das coisas,

apenas vegetando. E esta obra foi o meu recomeço, impulsionado por um único pensamento “Chega de fugir” (Sadamoto, 2011, vol.1, pp.172-173).

Paralelamente a criação da série para a TV, Sadamoto produzia a adaptação da história criada por Anno para os quadrinhos, o desenhista participou da produção de ambas as obras, sendo responsável pela criação do design dos personagens. Apesar de seguir o roteiro do *anime* criado por Anno, a versão em mangá possui algumas alterações feitas pelo desenhista, tendo um final próprio que segue um caminho diferente da conclusão exibido na TV. Em uma entrevista, ao falar sobre as versões em *anime* e mangá Sadamoto conta sobre seu processo de criação:

O anime se conclui em seis meses, enquanto o mangá demora anos para apresentar o mesmo conteúdo. Portanto, apresentar os fatos como um apanhado geral acaba prejudicando a história. Para suprir essa deficiência, tentei incrementar a história com outras visões dos fatos, mais detalhamento dos sentimentos do protagonista, etc. Desta forma a mesma história começa a ter ares de uma nova obra” (Sadamoto, 2011, vol.2, p.174).

Assim, seja pelo formato, seja pelas alterações feitas pelo desenhista, a obra em mangá possui uma abordagem diferente, porque narra a história de uma forma mais concisa e desenvolve de forma linear a jornada do herói da história. Ainda, conforme aponta Felipe (2012), na versão em quadrinhos *Shinji* é menos passivo agressivo e mais revoltado do que sua versão para a TV, e, apesar de preservar o clima sombrio do *anime*, o mangá é mais didático, proporcionando uma explicação mais detalhada da trama, assim como um melhor desenvolvimento do passado dos personagens.

Os mangás, assim como os quadrinhos, apresentam em sua narrativa o uso de imagens e textos, porém ao contrário dos quadrinhos – que são uma referência ocidental para a compreensão dos mangás – são íntimos a cultura japonesa. Conforme aponta Alvarenga (2023) os mangás tiveram sua origem a partir das representações visuais de *Chôjû-giga* e *Ukiyo-e* sendo posteriormente influenciados pelas histórias em quadrinhos ocidentais. No entanto, todas as representações culturais e do dia a dia presentes nos mangás têm suas raízes em expressões artísticas de origem japonesa. Essas obras abrangem diversos gêneros destinados a diferentes grupos sociais e faixas etárias, e no geral são publicadas em preto e branco.

2. LITERATURA E PSICOLOGIA

A arte de modo geral, e em particular a literatura, possui a capacidade de impactar ativamente a vida de quem a consome, gerando emoções, sentimentos e sensações. Ocorre durante a leitura, como exemplo, um envolvimento emocional, este aspecto pessoal faz com que o ato da leitura seja um processo transformador tanto para o leitor como para o livro, ou seja, trata-se de um processo afetivo, onde o sentido da obra se dá pela relação entre esses dois mundos (Villela,2015).

É fato que, apenas por meio da nossa própria perspectiva podemos vivenciar um livro, Villela (2015) descreve o ato da leitura como um diálogo entre leitor e livro, onde o leitor, carregado por suas experiências e afetos, encontra o livro, dotado de suas próprias características de criação, este encontro é único, pois cada leitor possui uma interpretação pessoal de um texto, fazendo com que cada obra possua uma pluralidade de interpretações. Existe assim na literatura um potencial transformador, tanto para quem a consome, como para quem a produz, Leite (1967) destaca a análise do processo criador sob a ótica psicológica, argumentando que ela pode oferecer caminhos para a investigação e compreensão do pensamento produtivo, pois, apesar de sua complexidade, o processo criativo é um fenômeno adaptativo, uma interação entre o organismo e o ambiente.

Mesmo contribuindo para o estudo de uma obra, devemos entender que uma análise se trata de um ponto de vista e não o entendimento completo de algo. Ao introduzirmos uma perspectiva de análise ou explicação, renunciamos a outros aspectos da obra, uma interpretação implica em limitações, mas que, em contrapartida, pode oferecer uma ampliação na compreensão, sendo assim impossível esgotar a descrição e a significação de uma obra (Leite,1967).

Ao adentrarmos no mundo simbólico ao qual somos convidados ao abrir um livro, é possível notar, através da identificação com os personagens ou nas situações vividas por eles, reflexos do nosso mundo real. Conforme descreve Vogler (2006), ao explorarmos os contos de fadas e os mitos, por exemplo, é possível notar a presença de padrões universais, tanto em personagens como em suas relações, esses padrões, chamados por Jung de “arquétipos” representam uma herança coletiva da humanidade, que são provenientes de um inconsciente coletivo. Os arquétipos são essenciais para compreender o propósito e a função dos personagens em uma história, porém não se trata de posições fixas, mas sim funções flexíveis que um personagem assume para alcançar determinados efeitos, eles podem ser interpretados como facetas do herói da história, ou do próprio autor (Vogler,2006).

Em um texto intitulado “Psicologia e literatura”, o psiquiatra suíço Carl G. Jung (1875-1961) ao falar sobre a análise psicológica, enumera dois processos distintos de criação de obras literárias: o modo Psicológico e o modo Visionário. O modo “Psicológico”, é centrado em temas comuns para o leitor, como as paixões, as tragédias, os sonhos, os temores, aqui o autor ou o poeta, retrata tais elementos a partir de eventos aparentemente banais, os elevando a uma dimensão transformadora. Nada sobra para o psicólogo explicar, uma vez que, o próprio autor proporciona uma compreensão convincente e profunda do tema, é chamado de psicológico, pois se trata daquilo que é possível de ser compreendido e assimilado psicologicamente (Jung, 2022).

No modo “Visionário” a criação tem origem em temas ou vivências desconhecidas pelo autor, que são manifestas de maneira profunda e intensa, que parecem se originar em outros tempos e mundos. A expressão artística visionaria difere das experiências cotidianas, transcendendo os limites da sensibilidade humana, permitindo vislumbrar o incompreensível, aqui, perante a estranheza e o mistério, somos impulsionados a buscar sentido ou explicação (Jung, 2022). Ainda, conforme aponta Leite (1967), aquilo expresso pela literatura visionária é o inconsciente coletivo, tais manifestações não se limitam à experiência humana pessoal, tendo origem em conteúdos escondidos e desconhecidos.

3. MÉTODO

Ao conhecer a obra "Neon Genesis Evangelion", torna-se evidente a influência da dinâmica psicológica de seu criador sobre o protagonista e a trama. Considerando a relevância da literatura como um objeto de estudo para a Psicologia, este estudo empreendeu uma análise psicológica do mangá "Neon Genesis Evangelion", sob a perspectiva da Psicologia Analítica de C. G. Jung. Assim, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma análise psicológica do mangá "Neon Genesis Evangelion", explorando o conteúdo psicológico-simbólico presente na obra por meio do método de interpretação psicológica desenvolvido por Von Franz (1990) para interpretação dos contos de fada e outras formas literárias.

Dada a apresentação da obra e as discrepâncias entre cada mídia onde ela foi apresentada, cabe aqui ressaltar dois pontos. Em primeiro lugar, para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizado como objeto de estudo a versão em mangá da história, tendo em vista as informações supracitadas sobre como a obra foi contada na sua versão em quadrinhos. Em segundo lugar, não tivemos como objetivo um debate sobre gênero literário dos mangás, cabendo aqui somente uma breve apresentação da sua forma de narrativa.

Sobre o método de interpretação, Von Franz (1990) relata em sua obra que assim como os mitos, os contos de fadas, por exemplo, possuem um grande valor para a investigação da *psique*, e representam a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente. Cada conto de fadas é um sistema fechado, composto por um significado psicológico essencial, expresso em uma série de figuras e eventos simbólicos, ou seja, através das imagens arquetípicas dispostas nos contos, podemos compreender melhor os processos dispostos da *psique*.

Nesse sentido, a autora ressalta aspectos das histórias arquetípicas para estruturar o material base para a interpretação. Segundo Von Franz (1990), inicialmente é feita a exposição do tempo e do lugar, evidenciada pela expressão "Era uma vez", que denota uma transcendência temporal e espacial, convidando para o mundo da fantasia e do simbolismo do inconsciente coletivo. Dada a temporalidade, é importante observar as figuras que emergem no início e no final da história, personagens que desempenham papéis cruciais para a trama e representam facetas da *psique* humana.

Destacados tempo e lugar, assim como os personagens envolvidos, somos apresentados a um problema inicial, cujo o objetivo é movimentar a história e os personagens. Aqui é necessário compreender o problema de maneira psicológica para entender sua natureza, e

explorar as dimensões simbólicas e inconscientes que moldam os desafios enfrentados pelo herói ou heroína. É então que a narrativa se desenvolve em seus altos e baixos, seja ela uma jornada longa ou curta, esses momentos de transformação influenciam a trajetória do protagonista, levando a história em direção ao seu clímax, o ponto alto da história, onde todos os elementos convergem para uma conclusão positiva ou negativa da narrativa (Von Franz, 1990).

Antes que o conto seja interpretado de fato, Von Franz (1990) salienta alguns passos que devem ser seguidos para uma análise assertiva do conteúdo para se encontrar o tema central da história. Assim, a autora pontua que é necessário buscar temas paralelos, na própria narrativa, para que se esgote as possibilidades, e buscar material além da obra para comparação, com o intuito de encontrar outras histórias onde o mesmo tema central é explorado, é necessário também ampliar o tema por meio de uma análise cuidadosa e contextualizada dos elementos simbólicos dispostos na obra. Só então chegamos na interpretação de fato, cuja a autora destaca que:

[...] o passo essencial, que é a interpretação propriamente dita, ou seja, o trabalho de traduzir a história amplificada para a linguagem psicológica. Há um risco de se ficar no meio do caminho, ou seja, de ficar aprisionado no modo mítico de expressão e falar, por exemplo, sobre "a mãe terrível que é vencida pelo herói". Tal afirmação torna-se correta somente se a ela acrescentarmos: "A inércia do inconsciente é suplantada por um impulso em direção a um nível mais alto de consciência". Ou seja, precisa-se usar a linguagem estritamente psicológica e somente então saberemos o que é interpretação (Von Franz, 1990, p.40).

Em consonância com identificação da história arquetípica proposta por Von Franz, recorreu também ao método estruturado por Vogler (2006) em seu livro "A jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores", visando explicitar o desenvolvimento arquetípico da história. Vogler (2006) observou que nos mitos e nos contos de fadas é possível perceber alguns padrões nos personagens e nas suas relações e que, ao olharmos para esses padrões, podemos entender melhor o papel dos personagens em uma narrativa. Segundo o autor, esses padrões são os mesmos que Jung descreveu como "arquetipos", modelos que emergem do "inconsciente coletivo", uma instância psíquica ligada ao inconsciente pessoal que, entretanto, é compartilhada por toda humanidade.

Os arquétipos representam, portanto, expressões psíquicas universais em uma narrativa, não se tratando somente de papéis estáticos atribuídos a um personagem, mas também de funções dinâmicas desempenhadas por eles, que criam o enredo e o impacto na história. Além disso, outra abordagem para a interpretação dos arquétipos é considera-los como diferentes facetas da personalidade do herói ou do próprio autor (Vogler, 2006). Tendo como base o mito do herói, desenvolvido por Joseph Campbell em o *Herói de mil faces*, Vogler (2006) mapeia sua própria “jornada do herói” presente em uma obra literária; uma jornada dividida em três atos, que se inicia no “Mundo comum” e se conclui com o “Retorno com o Elixir”. Nessa “jornada” literária Vogler sugere a identificação e descrição de arquétipos mais comuns encontrados nas narrativas, como o “Herói”, o “Mentor” e a “Sombra”, assim como suas funções dramáticas e psicológicas.

Dado o método e destacado a relevância e a profundidade psicológica presentes em mitos, contos e obras literárias, este trabalho analisou a história contada no mangá “Neon Genesis Evangelion”, a luz dos métodos desenvolvidos pelos autores supracitados. Então, para o desenvolvimento metodológico foram seguidos os seguintes procedimentos: inicialmente foi feita a leitura dos catorze volumes da edição especial do mangá “Neon Genesis Evangelion”, lançados no Brasil pela editora JBC, visando produzir uma síntese da história; uma segunda leitura foi feita, com o foco em trechos específicos para desenvolvimento e análise dos temas explorados, assim como identificação das questões emocionais, e dos elementos arquetípicos e simbólicos dispostos na obra.

4. O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: DESENVOLVIMENTO ARQUETÍPICO DA VIDA HUMANA

O processo de individuação é um conceito chave para a compreensão da Psicologia Analítica criada por Carl Gustav Jung, porque diz respeito ao desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo. Para Jung (2014) isso significa que é “um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é” (Jung, 2014, p.64). Esse movimento em direção à completude do indivíduo trata-se de uma inclinação natural do ser humano, segundo Da Silveira (2023) ele pode ser observado simbolicamente nos contos de fadas, nos mitos, nos sonhos, na “Grande Obra” alquímica, e, através da relação entre o inconsciente e o consciente, podemos trazer a luz tal processo e moldá-lo.

Stein (2020) define a individuação como um impulso inato do ser humano de se manifestar plenamente e alcançar sua verdadeira identidade, em suma, tomar consciência de quem realmente são. É um processo psicológico contínuo e dinâmico que requer a participação ativa e integral do indivíduo para avançar. Nesse contexto psicológico, é possível destacar duas funções essenciais do processo de individuação: em primeiro lugar, proporciona uma maneira de compreender e analisar as transformações da *psique* humana; em segundo lugar, indica um caminho para o aprimoramento da consciência humana até atingir seu potencial máximo e completo (Stein, 2020).

Em suas pesquisas, Jung percebeu que a *psique* humana é mais do que a soma das experiências pessoais, mas que possui uma dimensão que se apresenta de maneira coletiva, a qual denominou de “inconsciente coletivo”. Então, de acordo com Jung (2012. P. 19): “Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são arquétipos que existem sempre e *a priori*”. Todavia, da mesma maneira que existe um centro regulador na *psique* consciente e individual – o *Ego* –, na *psique* coletiva, conforme a descoberta de Jung, existe também um núcleo regulador, que unifica diferentes elementos arquétipos da *psique*, o qual nomeou de *Self* (Si-mesmo) (Edinger,2020).

Jung et al. (2017) aponta que, enquanto o *Ego* representa a parcela da *psique* iluminada pela consciência, o *Self* representa sua totalidade absoluta, onde se encontram os processos conscientes e inconscientes, atuando como um ponto central de organização e orientação psíquica. O desenvolvimento completo do *Self* depende da disposição do *Ego* em atender suas influências, porém, existe como uma possibilidade inata que transcende a identidade consciente

do *Ego*, logo, é a partir da consciência que podemos completar tal realização, Von Franz compara esse processo com o desenvolvimento de uma árvore:

Podemos exemplificar assim esta afirmativa: a semente de um pinheiro contém, em forma latente, a futura árvore; mas cada semente cai em determinado tempo, em um determinado lugar, no qual intervém um determinado número de fatores, como a qualidade do solo, a inclinação do terreno, a sua exposição ao sol e ao vento etc. A totalidade latente do pinheiro reage a estas circunstâncias evitando as pedras, inclinando-se em direção ao sol, modelando, em fim, o crescimento da árvore. É assim que um pinheiro começa, lentamente, a existir, estabelecendo sua totalidade e emergindo para o âmbito da realidade. Sem a árvore viva, a imagem do pinheiro é apenas uma possibilidade ou uma abstração. E a realização desta unicidade no indivíduo é o objetivo do processo de individuação (Jung et al., 2017, p.213).

O processo de individuação refere-se ao desenvolvimento psicológico que resulta no surgimento do Si-mesmo na estrutura psíquica e consciente, o Si-mesmo, por sua vez, representa a totalidade integral do indivíduo. Agora, conforme descrito por Jung, essa relação entre consciente e inconsciente ocorre de forma compensatória, ou seja, a compensação visa trazer equilíbrio entre essas duas instâncias. (Stein,2000). Esse desenvolvimento psíquico descrito por Jung, é um processo complexo que nem sempre se manifesta de forma linear, sendo dotado de algumas características ou fases. Na obra “O homem e seus símbolos” (Jung et al., 2017), Marie-Louise von Franz descreve três fases significativas do processo de individuação: o “*Primeiro acesso ao inconsciente*”, a “*Realização da sombra*” e o encontro com a “*Anima*” e o “*Animus*”.

Na primeira fase “*O primeiro acesso ao inconsciente*”, ocorre, segundo a autora, durante a juventude, no momento em que o indivíduo se torna consciente dele mesmo e do mundo ao seu redor. É nessa fase que, em contato com os conteúdos externos, a consciência se desenvolve e que, por sua vez, o *Ego* é estruturado (Jung et al., 2017). Nesse sentido Stein (2000) escreve:

No começo da vida, a personalidade é uma simples unidade indiferenciada. Amorfa, e mais potencial do que real, ela constitui um todo. Iniciado o processo de desenvolvimento, essa totalidade diferencia-se e separa-se em várias partes. Nasce a consciência do ego e, ao crescer, deixa para trás boa parte da totalidade de si mesmo no que é agora o “inconsciente” (Stein,2000, p. 98).

Para Jung (2014), no início da vida psíquica, existe uma predominância dos elementos herdados – arcaicos e coletivos – nas experiências do indivíduo, porém com o desenvolvimento psíquico da consciência começa um distanciamento do Si-mesmo, em prol de papéis sociais ou de um ideal imaginário, esse movimento é considerado por ele como “*alienações do Si-mesmo*”, uma forma de abdicar da verdadeira realização do eu. Nesse sentido, como pontua o autor, essa busca por enfatizar deliberadamente algumas características individuais em detrimento das obrigações coletivas, se trata de um individualismo e se contrapõe a individuação. A busca pela identificação pessoal através do *Ego* implica em uma limitação ou deformação do Si-mesmo, devido às limitações dos padrões sociais e familiares que moldam a imagem do *ego*, e que acabam restringindo o desenvolvimento psíquico, o *ego*, portanto, seria uma parte distinta e fragmentada do Si-mesmo (Whitmont, 1998).

Cabe destacar que a relação do *Ego* com o Si-mesmo é sensível, enquanto um é o centro da *psique* consciente, o outro é o núcleo regulador da totalidade da *psique* total, ou seja, abarca os conteúdos conscientes e inconscientes, sendo que, nessa relação, pode ocorrer uma identificação do *Ego* com o Si-mesmo. Essa inflação do *Ego* significa que uma pequena parcela da vida consciente se identifica com a totalidade da *psique*, o que se diferencia, por exemplo, no início da vida, quando não existe diferenciação entre *Ego* e consciência, sendo tudo conteúdo inconsciente, nesse momento o *Ego* e o Si-mesmo estão intimamente relacionados (Edinger, 2020).

Essa ampliação da vida consciente, ou seja, sua ampla conexão com o mundo externo, não apenas com o conhecimento de coisas, mas também de outras *psiques*, exige que o ser humano passe a adotar, inicialmente, uma espécie de máscara para se adaptar as demandas exigidas pelo mundo humano. Segundo Da Silveira (2023) Jung utilizou o termo *Persona* para identificar essa máscara social, que serve como um mecanismo de defesa psicológica. Apesar de certa identificação excessiva do *Ego* consciente pela *Persona*, ela não reflete a essência genuína do indivíduo, apesar de ser vivida muitas vezes assim, visto que a remoção dessa “máscara” em processo psicoterapêutico acaba sendo um processo psicológico doloroso, por revelar uma faceta desconhecida da pessoa.

Ainda, de acordo com Cardoso (2018), a palavra *Persona* tem origem no contexto greco-romano, era o nome utilizado para descrever as máscaras que os atores utilizavam no teatro para desempenhar papéis específicos durante a atuação, e atender as demandas do espetáculo. No contexto psicológico, nessa fase inicial, a *Persona* representa um papel que atenda o que é socialmente esperado, ou, como afirma Stein (2020), essa máscara é adotada para se adequar

ao ambiente cultural do indivíduo. A *Persona* é então construída a partir de elementos do coletivo com os quais ele se identifica, facilitando a sua adaptação social. Entretanto, pode atuar como um limitador no processo de individuação, a medida em que nos afastamos das identificações da *Persona*, nos libertamos de padrões pré-estabelecidos e nos aproximamos de quem realmente somos e da nossa própria singularidade.

A *Persona* representa um intrincado sistema de relação entre o *Ego* e a sociedade, é como uma máscara projetada para impactar de forma específica os outros, ao passo em que esconde a verdadeira essência do indivíduo. Exige um considerável esforço e um sacrifício pessoal desenvolver uma *Persona* que atenda as exigências sociais, o que pode levar o indivíduo a uma identificação com a *Persona*, e um afastamento da sua individualidade (Jung, 2014).

Pode-se afirmar que o desenvolvimento do *Ego* e da *Persona* ocorre na fase inicial do desenvolvimento psicológico, inicialmente são instâncias distintas, entretanto, na prática, muitas vezes o *Ego* se identifica com os papéis que desempenha socialmente, ou seja, com sua *Persona*; isso ocorre devido a facilidade em que o *Ego* é afetado pelos conteúdos externos. Quando isso ocorre, o *Ego* passa a se identificar com a *Persona*, enquanto o Si-mesmo permanece oculto (inconsciente), fazendo com que a noção de identidade esteja intimamente ligada a esses papéis sociais exercidos. Claro que isso pode levar a uma valorização exacerbada da *Persona*, em detrimento de um desenvolvimento psíquico mais próprio de Si-mesmo (Stein, 2000).

Por trás dessa máscara se encontram todos os aspectos que recusamos a reconhecer e que se escondem de nós mesmos e dos outros. Mas, conforme descreve Jung (2002), quando voltamos para nosso interior nos deparamos com esses aspectos ocultos que chamou de *Sombra*, que representa as partes ocultas e menos desejadas da nossa personalidade, aquelas que preferimos esconder por trás da nossa *Persona*. O conteúdo rejeitado pela consciência (*Ego*) constitui a *Sombra*, enquanto aquilo que se aceita e se identifica em si, torna-se parte do *Ego* e *Persona*. A relação entre *Ego* e *Persona* é complexa e paradoxal devido aos objetivos de cada um desses aspectos, porque enquanto o *Ego* busca identificação e autonomia, a *Persona* busca relacionamento e adaptação ao mundo externo. Essas tendências opostas podem gerar conflitos no *Ego*, pois há uma necessidade de independência, mas também de conexão com outros indivíduos e com o ambiente (Stein, 2000).

Na segunda fase temos a “*Realização da sombra*”, um passo essencial no caminho da individuação, porque é nesse momento que acontece o confronto com a *Sombra*, ou seja,

momento que se tem uma necessidade de tomar consciência das tendências e impulsos que foram reprimidas, mas que devido a projeção, facilmente reconhecemos nos outros. É importante dizer que a *Sombra* é carregada não somente de aspectos negativos, mas também, de aspectos positivos, resultantes da repressão, que por sua vez estão emaranhados de tal forma que dificultam o reconhecimento do *Ego*. Jung salientou que a *Sombra* pode conter valores essenciais ao indivíduo, portanto, é crucial assimilá-los em vez de reprimi-los (Jung et al., 2017).

Desse modo, a *Sombra* representa uma mistura densa de características, que vão desde fraquezas, aspectos imaturos e forças negativas profundas, até traços ou características positivas, que devido às circunstâncias não se desenvolveram, representando uma contraparte obscura da sua própria personalidade (Da Silveira, 2023). Esses aspectos são fonte de desconforto e representam traços da nossa personalidade que consideramos inaceitáveis, por serem incompatíveis com o ideal que temos de nós mesmos, entretanto, dentre esses aspectos sombrios que rejeitamos, muitas vezes se encontram elementos que se reconhecidos e integrados, podem enriquecer nossa existência (Kast, 2019).

Assim, tomar consciência e integrar esses aspectos (positivos/negativos) é um movimento desafiador, mas que desempenha um papel fundamental para a questão da individuação. Esses aspectos considerados "sombrios", muitas vezes percebidos como negativos, não devem ser naturalmente vistos como falhas. Em verdade, será por meio da integração desses conteúdos – que frequentemente tentamos esconder, evitar ou projetar nos outros – que poderemos alcançar uma aceitação mais ampla e concisa de nossa totalidade psicológica. Essa integração é fundamental para o processo de individuação, conforme proposto por Jung, cujo objetivo é alcançar um estado de totalidade psíquica, reconciliando e harmonizando os aspectos conscientes e inconscientes da *psique* (Cardoso, 2018). Ou, como observou Whitmont (1998) que:

Uma vez que a sombra nos apresenta nossa primeira visão da parte inconsciente da nossa personalidade, ela representa o primeiro estágio para encontrar o Self. De fato, não há acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade a não ser através da sombra. Apenas quando reconhecemos aquela parte de nós mesmos que ainda não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar as fontes em que ela se alimenta e a base em que repousa. Confronta-la significa mais do que meramente conhece-la. Só quando enfrentamos o choque de ver a nós mesmos como realmente

somos, e não como desejamos ou esperançosamente presumimos ser, é que podemos dar o primeiro passo em direção a realidade individual (Whitmont, 1998, p. 148).

Na acepção de Jung (2002) temos uma tendência de evitar o confronto com a nossa *Sombra*, isso faz com que mantemos a sua projeção nos outros, porém, cabe lembrar que ela faz parte intrínseca da nossa *psique*, sendo assim impossível ignorá-la ou justificá-la racionalmente. Assim, podemos iniciar um processo de individuação mais significativo ao integrarmos conscientemente os aspectos sombrios de nossa *psique*, que são partes reprimidas, negadas ou pouco reconhecidas de nossa personalidade. Esse processo sugerido por Jung envolve a busca pela totalidade psicológica, que significa aceitar e acolher todas as facetas do nosso ser, mesmo as que consideramos desconfortáveis ou indesejáveis. Ao fazer isso, superamos a polaridade entre “luz” e “sombra” e nos tornamos mais conscientes de nossa verdadeira natureza e potencialidades.

Por fim, chegamos a terceira fase, o momento do encontro com a “*Anima*” e o “*Animus*”, ou seja, quando os aspectos inconscientes começam a ser reconhecidos e integrados durante o desenvolvimento psíquico. Segundo Jung, os arquétipos da “*Anima*” e “*Animus*” simbolizam, respectivamente, os aspectos femininos e masculinos da *psique* que, segundo Kast (2019), representam a contraparte do inconsciente pessoal de cada indivíduo, conectados com os complexos parentais. Ainda, desempenham um papel significativo na *psique* humana, influenciando os relacionamentos amoroso e o desenvolvimento pessoal do sujeito.

Nesse contexto, a *Anima* e o *Animus* representam os arquétipos contrassexuais presentes em cada indivíduo, desempenhando um papel crucial na compreensão e integração dos aspectos inconscientes da *psique*. Esses arquétipos operam em um nível profundo da *psique* inconsciente, atuando como modelos de comportamento e representações simbólicas das características femininas e masculinas. Enquanto a *Sombra* reflete traços reprimidos pelo *Ego-Persona*, a *Anima* e o *Animus* personificam padrões inconscientes nos quais essas características se baseiam, agindo como personalidades parciais que demandam compreensão para o processo de individuação. Segundo Jung, durante essa jornada de individuação, homens e mulheres passam por uma conscientização e integração progressiva desses aspectos femininos e masculinos em sua *psique*, visando alcançar um estado de totalidade e equilíbrio psicológico (Whitmont, 1998).

Isso implica que, à medida que crescemos, a influência dos pais, que é tão marcante na infância, tende a diminuir, levando as imagens que temos deles a se distanciarem de nossa

consciência que, muitas vezes, adquirirem conotações negativas. Tais imagens parentais acabam se tornando algo estranho, sendo transferidas para uma espécie de "espaço psíquico" distinto. Esse reconhecimento psicológico revela a existência de um "complexo" psíquico semiconsciente, que funciona de maneira parcialmente autônoma, contribuindo para a representação dos arquétipos da *Anima* e do *Animus* (Jung, 2014).

A *Anima* é formada tanto pelos aspectos femininos que habitam o inconsciente coletivo dos homens, assim como, pelas experiências pessoais que cada homem teve com as figuras femininas em sua vida. Então, conforme descreve Da Silveira (2023), a mãe representa para o homem o primeiro contato com a *Anima*, sendo responsável por ser o primeiro recipiente dessa figura arquetípica que com o tempo, costuma ser transferida para alguma outra mulher com que homem se relacione sexual-amorosamente. Ainda, de acordo com Whitmont (1998), a *Anima* diz respeito a parcela irracional e enigmática da *psique* do homem, cujos elementos se manifestam através de um complexo, que por sua vez possui um núcleo arquetípico e uma camada associativa, sendo moldado principalmente pelas figuras femininas presentes da infância. A *Anima* possui, como afirma Jung (2002), um papel fundamental na *psique* masculina, principalmente no campo dos afetos e das emoções, uma vez que está originariamente ligada ao complexo materno, possuindo raízes no arquétipo materno; apesar da mãe exercer influência na *psique* infantil do homem, o arquétipo materno transcende essa dinâmica, por abranger aspectos míticos e de grande significância.

Por isso, uma relação conflituosa com a figura materna possibilitará com que *anima* assuma uma forma problemática, se expressando por traços emocionais prejudiciais. Isso ocorre porque, à medida que a *Anima* é projetada para outra mulher, geralmente uma parceira amorosa, o homem tende a projetar também a *imago* materna, resultando na expectativa de que a companheira desempenhe as funções que o receptáculo primário da *Anima*, ou seja, o materno que não conseguiu desempenhar (Cardoso, 2018). Sobre a relação da mãe com a *anima*, von Franz afirma que:

Nas suas manifestações individuais o caráter da anima de um homem é, em geral, determinado por sua mãe. Se o homem sente que a mãe teve sobre ele uma influência negativa, sua anima vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e susceptível. (No entanto, se ele for capaz de dominar estas investidas de cunho negativo, elas poderão, ao contrário, servir para fortalecer lhe a masculinidade.) (Jung et al., 2017, p.236).

Uma identificação significativa do homem com características consideradas como masculinas pode indicar uma sensibilidade emocional delicada, muitas vezes erroneamente associada ao feminino. Enquanto a *Anima* permanece inconsciente, a projeção dela se torna inevitável, uma vez que todo conteúdo do inconsciente é projetado. Nas relações amorosas, em geral, os homens costumam ser atraídos por mulheres que refletem aspectos de sua própria feminilidade (Jung, 2014). Nesse sentido, conforme aponta Whitmont (1998), os sentimentos relacionados a *Anima* são projetados em mulheres (feminino) e situações afetando as respostas emocionais dos homens, sendo a *Anima* responsável pela dinâmica dessas relações, uma *Anima* inconsciente se manifesta de forma primitiva e influencia os sentimentos dos homens em relação as mulheres.

Por fim, a separação da *Anima* da figura da mãe é um movimento complexo que representa um passo crucial e significativo no desenvolvimento psicológico do homem, quando o *Ego* passa a considerar a *Anima* e a confronta, assim suas personificações e seus efeitos desaparecem. Somente dessa maneira que a *Anima* se torna uma importante mediadora entre o inconsciente e o consciente (Da Silveira,2023).

Por outro lado, o *Animus*, representa a manifestação da masculinidade na psique feminina, e, assim como a *Anima*, tem origem nos aspectos masculinos que habitam o inconsciente coletivo das mulheres, e também nas suas experiências pessoais com os homens. Segundo Da Silveira (2023) o *Animus* contrasta com a feminilidade que prioriza os vínculos afetivos e uma relação conturbada com o *Animus* pode resultar em um humor conflituoso e na ruptura de laços amorosos. Inicialmente o *Animus* se manifesta originariamente no complexo paterno, sendo transferida mais tarde para outras figuras masculinas que permeiam a vida da mulher, projetada no companheiro, ou no homem amado, o transforma em uma figura idealizada.

Os temas associados a figura paterna, que por sua vez constituem o complexo paterno, servem como base para a expressão do *Animus*, formado a partir da associação com diversas figuras de autoridade, que são internalizadas, sua expressão ocorre principalmente através da figura do pai, porém, pode ser formada por outras figuras masculinas na vida da mulher, que vão servir de base para a formação de alguns padrões emocionais (Whitmont,1998). A representação masculina do inconsciente na mulher, possui aspectos positivos e negativos, assim como a *Anima* nos homens, porque o *Animus* é influenciado pelo pai da mulher, que lhe concede uma forte convicção, o que não representa, entretanto, a verdadeira essência da mulher. Então, mesmo em uma mulher que aparentemente demonstre sua feminilidade de forma

marcante, segundo Jung et al. (2017), o *Animus* pode se manifestar como uma força firme e inabalável.

O *Animus* representa um acúmulo de todas as experiências passadas da mulher em relação aos homens, por isso Jung (2014) pontua que, enquanto alguns aspectos como o domínio das aplicações práticas do conhecimento são mais destacadas na consciência masculina, as mulheres desenvolvem uma consciência mais profunda das relações pessoais, captando detalhes que os homens podem não perceber, o papel do *animus* não está no campo do consciente, e sim, na conexão com o inconsciente.

A integração do *Animus* e da *Anima* é um processo crucial no desenvolvimento psicológico de homens e mulheres, de acordo com a psicologia de Jung. Pode-se dizer que a integração começa quando o indivíduo reconhece e aceita conscientemente esses aspectos em si mesmo, não mais apenas projetando em outras pessoas. Isso envolve um processo de autoconhecimento profundo, autorreflexão e aceitação das características e potencialidades tanto do masculino quanto do feminino dentro de si. Assim, como observa Whitmont (1998):

A integração do animus - para a mulher, o opus major que constitui seu problema de individuação - requer confronto consciente e aceitação ativa. A tarefa do homem de integrar a anima envolve o desenvolvimento consciente da receptividade, o ato de vivenciar e sofrer suas emoções e envolvimento e, portanto, uma conscientização e uma abertura para descobrir que ele próprio está envolvido com emoções e, através das emoções com as pessoas. Como a atividade potencial da mulher, o animus requer, por sua vez, o desenvolvimento de uma iniciativa conscientemente ativa: aprender a discriminar conscientemente, esclarecer e separar e, portanto, aceitar a reparação, a independência e a responsabilidade, assim como a racionalidade. (Whitmont, 1998, p.189).

Isso significa que, à medida que o *Animus* e a *Anima* são integrados, o indivíduo se torna mais completo e equilibrado psicologicamente, permitindo uma expressão mais autêntica e harmoniosa de sua identidade. Isso pode resultar em relacionamentos mais saudáveis, uma maior sensação de integridade pessoal e uma vida mais plena e satisfatória.

5. NEON GENESIS EVANGELION E A JORNADA PSICOLÓGICO-SIMBÓLICA DE SHINJI IKARI

Ano 2000, um meteoro de imensas proporções cai no círculo polar antártico. Com ele ocorre a maior catástrofe já presenciada pela raça humana, que ficaria conhecida como ‘Segundo Impacto’. Elevação do nível do mar, distúrbios climáticos, declínio da economia, conflitos étnicos, guerras civis... a população é diminuída a metade. Quinze anos depois, quando enfim surgiam sinais de recuperação, uma nova ameaça assola a raça humana. Eram os “Anjos”. Um batalhão de gigantescos seres desconhecidos começa um incessante ataque contra a humanidade. Afinal, são eles realmente “Anjos de Deus” como se anunciam...? para combater o prenunciado ataque dos “Anjos” a raça humana desenvolve uma arma de combate utilitária em formato humanoide, batizada de “Evangelion”. Em 2015, três unidades já estavam operando. Para pilotar as unidades “EVA” foram escolhidas três crianças. Os adultos não tinham escolha se não depositar suas esperanças nelas. É o começo da luta desses jovens, cujo o destino é carregar o pesado fardo da sobrevivência da humanidade [...] (Sadamoto, 2011, vol.1, p.4-5).

"Neon Genesis Evangelion" conta a história de um mundo pós-apocalíptico, onde a humanidade enfrenta a ameaça dos "Anjos", seres misteriosos que atacam a Terra. Para combatê-los, a organização secreta NERV desenvolve os "Evangelions" (EVAs), gigantescos robôs pilotados por adolescentes escolhidos. O protagonista, Shinji Ikari, é convocado por seu pai, Gendo Ikari, para pilotar o Evangelion-01. Ao longo da narrativa, Shinji se une a outros pilotos, como Rei Ayanami e Asuka Langley Soryu, enfrentando os Anjos em batalhas épicas. A trama se desenrola com revelações surpreendentes sobre a verdadeira natureza dos Anjos, da NERV e do próprio “Evangelion”, culminando em um desfecho impactante que desafia as percepções dos personagens sobre a realidade e a humanidade.

A estória do “Evangelion” começa com Shinji Ikari, um garoto de quatorze anos que, ao chegar à cidade de Tokyo-3, é recebido por Misato Katsuragi, a capitã de uma organização paramilitar, chamada NERV. Katsuragi escolta o garoto até a sede da organização que fica localizada a baixo da cidade. Shinji emerge como a primeira figura na obra, desempenhando o papel de herói que conduz a narrativa e experimenta o principal arco de desenvolvimento. Podemos dizer que ele representa o complexo do *Ego*, sendo a figura central da consciência que lança luz sobre os demais conteúdos psicológicos, conforme discutido por Jung et al. (2017). “É o ego que ilumina o sistema inteiro, permitindo que tome consciência e, portanto, que se torne realizado”. (p.2013). O “eu”, ou seja, o *Ego*, é o centro de nossas experiências conscientes, que engloba também nossa personalidade, se algo está consciente, é porque foi percebida pelo “*Ego*” (Jung,2008).

Shinji se caracteriza como um personagem tímido, retraído e apático inicialmente, mas sua interação com Misato desencadeia uma mudança significativa na trajetória da história. Ao chegar à cidade, Shinji testemunha o ataque de um "Anjo", que está envolvido em combate com outra criatura igualmente gigantesca. Nesse momento, é Misato que fica responsável por guiar o garoto em segurança até a sede da NERV. Aqui, encontramos uma cena recorrente em diversas narrativas, na qual o herói ou heroína adentra outro mundo, uma realidade fantástica distinta da nossa. Um paralelo pode ser observado em obras como "Alice no País das Maravilhas" ou "A Viagem de Chihiro". Esse outro mundo representa o inconsciente coletivo, cuja decida de Shinji a sede da NERV a baixo da cidade, simboliza o mergulho do *Ego* ao inconsciente; o primeiro contato com os conteúdos até então inconscientes.

Na sede da organização, ambos são recepcionados pela cientista-chefe, Ritsuko Akagi, responsável por introduzir o EVA-01 ao protagonista e de fornecer uma explicação mais detalhada sobre os "Evangelions", os ciborgues que servem como armas para combater os "Anjos". Shinji descobre então que seu pai Gendo Ikari, que o havia abandonado na infância, é comandante da organização e responsável por chamar Shinji para que pilote a arma e lute contra os "Anjos".

Ao analisarmos a configuração inicial dos personagens, que são introduzidos na trama de abertura, identificamos quatro personagens principais: Shinji, Misato, Ritsuko e Gendo. O conjunto desses personagens representa a quaternidade, sendo um símbolo que pode ser observada tanto na *psique* como na natureza, representando a totalidade ou a completude. Como vivencia arquetípica, essa quaternidade possui sentido de ordenação, e representa a integração de elementos contrários, ou opostos (Jung, 2016).

Continuando com a exposição do problema inicial na trama de abertura, Shinji, revoltado e incapaz de compreender as razões de seu pai, recusa-se a pilotar a arma. Diante disso, Gendo chama o filho de covarde e ordena que sua equipe prepare outro jovem. Essa criança é Rei Ayanami, uma garota de quatorze anos trazida ainda machucada de uma batalha anterior (era ela que estava combatendo o "Anjo" quando Shinji chegou à cidade). Frente a essa situação humilhante, Shinji mesmo contrariado, decide pilotar o EVA-01.

Na trama o problema apresentado é a recusa de Shinji em pilotar a arma devido à sua relação conturbada e distante com seu pai, Gendo, representado como uma figura de autoridade. Gendo é o comandante, sendo os outros personagens subordinados a ele. Na história os adultos não conseguem pilotar as armas, ficando a cargo das crianças pilotar, assim mesmo que Gendo

seja o comandante da NERV, ele mesmo não pode pilotar a arma. É possível estabelecer uma relação entre Gendo com a tradicional figura do rei nos mitos e contos de fadas, uma vez que a relação entre o rei e seu reino é um tema recorrente. Conforme destaca Von Franz (1990), a figura do rei engloba tanto o poder político do reino, assim como uma condição divina, o sucesso de um reino depende da vitalidade de seu rei, normalmente a figura do rei está associada a figura do *Self*, ou sendo a representação simbólica de um conteúdo dominante.

Psicologicamente, no início da história, o *Ego* consciente de Shinji está sendo dominado por um complexo paterno negativo, no qual Gendo representa essa complexidade. A relação entre Shinji e Gendo pode ser interpretada sob a ótica do arquétipo *Cronos-Saturno*. Esse arquétipo, conforme descrito por Vitale et al. (1979), expressa um paralelo para uma das etapas cruciais no desenvolvimento psíquico, a relação entre pai e filho, marcado por um conflito geracional, que na narrativa mítica é exemplificada pela história de *Cronos* e seus filhos. A dualidade entre o antigo e o novo é evidenciada pelo receio do pai em enfrentar a mudança, levando-o a consumir a nova geração, esse ato simbólico representa o obstáculo ao crescimento, um momento crucial na formação do *Ego* e da personalidade. Outro aspecto desse arquétipo é a rivalidade e conflito, nesse recorte, a consciência da morte permeia a relação entre pai e filho, no centro do conflito está a figura do *Cronos-Saturno*, o pai negativo, imponente e temido, personifica o desafio a ser enfrentado e o lugar a ser conquistado, sendo internalizado no inconsciente como o pai devorador, cuja presença impede o avanço no processo de transformação.

Na continuidade temos a presença de duas personagens que inicialmente se apresentam a Shinji: Misato e Ritsuko; ambas desempenham um papel de orientação para o garoto no início da história. Misato é um personagem curioso, narrativamente, desempenha por vezes a função de mentora, chegando a ocupar na história um papel materno-feminino para Shinji. Misato é representada como uma mulher sensual, extrovertida, porém de certa forma desleixada e sem muito pudor. Ao longo da narrativa, Shinji passa a residir com Misato, onde se evidencia que, em sua esfera pessoal, ela apresenta traços de desorganização. Contudo, contrastando com essa faceta, Misato desempenha um papel de destaque na hierarquia da NERV, ocupando o cargo de capitã. Nessa posição, ela é encarregada de liderar as operações e coordenar os ataques contra os "Anjos". Em contrapartida, Ritsuko é apresentada como uma personagem mais racional em comparação com Misato, representada como uma mulher "fria", ocupando o cargo de cientista chefe e responsável pela parte técnica das armas. Durante a história descobrimos que ela

secretamente possuía um caso amoroso com Gendo, porém a relação dos dois era complexa e demonstra um lado irracional da personagem.

Dessa forma, ao considerarmos a concepção da quaternidade, podemos analisar os personagens introduzidos na trama inicial sob a ótica das funções psicológicas, as quais foram categorizadas por Jung em uma estrutura quadrupla. Segundo von Franz (1990), em seus estudos Jung chegou a um modelo estrutural básico da *psique* o qual classificou em dois pares, as “funções racionais de sentimento e pensamento”, e as “funções irracionais de percepção e intuição”. Todo indivíduo possui as quatro funções, porém, todos temos uma mais desenvolvida que as outras, sendo a função superior, e outra menos desenvolvida, a função inferior. Da Silveira (2023) descreve as características de cada função:

A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significa os objetos. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é totalmente diferente. É a lógica do coração. A intuição é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vem e qual o possível curso de seu desenvolvimento (Da Silveira, 2023, p.62-63).

Na relação entre Shinji e Gendo, é possível identificar a dinâmica entre a função superior e inferior da psique. Nessa perspectiva, Misato e Ritsuko podem ser interpretadas, do ponto de vista psicológico, como as funções auxiliares, mais precisamente as funções de sensação e pensamento, que se situam no eixo das funções racionais. Entretanto, a presença de um complexo paterno negativo, citado anteriormente, tendo como representação o arquétipo de *Cronos-Saturno*, nos leva a outra questão do campo relacional desse arquétipo. No início do mangá a figura da mãe de Shinji está oculta, isso quer dizer que a nível arquetípico o complexo materno está em constante interação com o paterno, já a sua relação com o *puer* (criança), mesmo carregada de conteúdo psíquico, depende de como se dá o complexo paterno, um pai negativo ou devorador acarreta a uma fuga do *puer* em direção à mãe, pois conforme destaca Vitale et al. (1979): “Na medida em que Saturno é o velho, une-se e opõe-se ao puer; na medida em que é o pai, une-se e opõe-se a mãe” (p.36).

Se de um lado temos na relação entre Shinji e Gendo, um complexo paterno negativo, do outro lado, podemos dizer psicologicamente, que aqui o *Ego* está fixado no complexo materno. Isso nos leva a pensar que o arquétipo materno e, conseqüentemente, a *Anima*, o

aspecto feminino, têm relevância para a compreensão da história. O arquétipo materno é o fator que compõe o complexo materno, ele pode ser expresso por diversas figuras femininas, contendo aspectos positivos e negativos, indo desde a Grande-mãe com aspectos divinos, a mãe pessoal, ou uma bruxa, são as projeções do arquétipo que concede atributos míticos a essas figuras (Jung,2000).

Entretanto, antes de aprofundarmos no aspecto feminino e no arquétipo materno, voltemos a narrativa. Assim, após decidir fazer parte dos planos de Gendo, Shinji passa pilotar o EVA-01, e, conforme combate os “Anjos” sua relação com os outros personagens vai se aprofundando, principalmente com Rei, apresentada como a primeira criança. Nessa cena que marca o início da trama, a garota é apresentada machucada, porém não recusa as ordens de Gendo para continuar lutando. A relação entre ela e Shinji se desenvolve nos primeiros volumes do mangá, proporcionando a ambos uma oportunidade de aprendizado mútuo. Rei é mais calada e evita por vezes um contato mais profundo com Shinji, sendo apresentada como uma garota distante e, de certa forma fria e apática, possuindo dificuldades em se expressar emocionalmente. No entanto, Shinji faz um esforço consciente para se aproximar da garota, vendo nela uma oportunidade de entender melhor seu próprio pai, que aparenta ter uma relação patriarcal com ela. Ao longo do mangá, descobriremos que Rei é, na verdade, um clone da mãe de Shinji.

Podemos afirmar que Shinji identifica Rei como uma amiga e, por vezes, compartilha seus sentimentos com ela. No entanto, a relação dos dois é repleta de nuances, em parte devido à aura de mistério que cerca a garota. Em sua primeira aparição na história, Rei representa a donzela em perigo, que precisa ser salva pelo príncipe, aqui o elemento feminino está fragilizado, as questões afetivas e sentimentais de Shinji, assim como sua complicada relação com a sexualidade, expressa a natureza de tais questões, Rei simboliza a *Anima*, esse arquétipo é, conforme descreve Jung et al. (2017) “a personificação de todas as tendências femininas na psique do homem.” (p.234). No geral a mãe constitui a base desse arquétipo, portanto, a relação do homem com a mãe determina como a *Anima* irá se manifestar, como todo arquétipo, ele pode adquirir tanto aspectos negativos como positivos, sendo uma das suas funções o relacionamento com o inconsciente (Jung et al, 2017). Ainda, para Da Silveira (2023):

A anima apresenta-se personificada nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos nas produções artísticas. As formas, belas ou horríveis, de que se reveste, são numerosíssimas: sereia, mãe-d’água, feiticeira, fada, ninfa, animal, súcubo,

deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estádios evolutivos (Da Silveira, 2023, p. 108).

Outro personagem que assim como Rei ajuda na compreensão da *anima* é Asuka Langley, a terceira criança, responsável por pilotar o EVA-02. Ela chega a Tokyo-3 tempo depois de Shinji, conforme os ataques dos Anjos se intensificam. Ao contrário de Rei, Asuka possui um temperamento forte e é bastante orgulhosa. Logo em sua primeira aparição, o autor deixa claro o talento da garota em pilotar a arma. Asuka se esforça em passar uma imagem de garota independente e, por vezes, utiliza da sua aparência para manipular os garotos ao seu redor, assim como os adultos. É possível perceber essa dinâmica em sua relação com o agente Ryoji Kaji, um antigo namorado de Misato que acompanha a garota, o qual, Asuka se diz apaixonada. A relação de Asuka com Shinji é ambígua, no início os dois não se dão bem, pois existe um traço de competitividade do lado da garota para com Shinji, principalmente em relação a seus talentos com seus respectivos “EVAs”, embora, é notória uma tensão amorosa-erótica desde o início da relação.

Assim, podemos considerar a complexa relação de Shinji com Rei e Asuka como sendo um elemento central do enredo de "Neon Genesis Evangelion". Ambas as relações refletem os desafios emocionais e psicológicos enfrentados por Shinji ao longo da história. Rei e Asuka podem ser vistas como imagens arquetípicas da *Anima* de Shinji, cada uma refletindo diferentes aspectos desse arquétipo. De maneira ampla, temos Rei personificando uma figura mais íntima, receptiva e misteriosa, representando uma conexão mais íntima e emocional com Shinji. Por outro lado, Asuka encarna uma energia mais assertiva, dominadora e desafiadora, refletindo aspectos mais complexos e tumultuados da *Anima* de Shinji.

A *Anima* pode ser classificada em quatro estágios, conforme proposto por Hillman (2020): o primeiro estágio é simbolicamente representado por Eva, a mãe no sentido biológico, a mulher que concebeu e deu à luz; o segundo tem como representação Helena de Troia, que encarna um *Eros* sexual, no sentido estético e romântico; o terceiro estágio é representado por Maria, que atribui um aspecto mais elevado ao *Eros*, uma maternidade no sentido espiritual; em seu último estágio, a *Anima* encarna a “sapiência” no sentido de uma sabedoria que transforma a compreensão do *Eros*. Nesse sentido, o autor destaca que, os estágios de desenvolvimento da *Anima* são comumente relacionados com o desenvolvimento erótico no homem, entretanto, apesar dessa ligação, as fases da *Anima* servem somente de base ou estrutura pela qual o desejo do *Eros* se manifesta.

Simbolicamente, na forma de Rei, a *Anima* está imbuída com conteúdo materno. Como um clone da mãe de Shinji, ela compartilha o mesmo material genético que o garoto. Por outro lado, Asuka evoca o desejo de Shinji, seduzindo-o e despertando sua atração por ela. Ao relacionarmos ambas imagens (personagens) com os estágios iniciais da *Anima* de Shinji, podemos afirmar que, do ponto de vista do processo de individuação, a *Anima*, que antes estava em estado de fragilidade (complexo materno), agora, com a consciência do *Ego*, iniciou seu processo de desenvolvimento.

Outro eixo relacional conflituoso pode ser visto no embate entre os “EVAs” e os “Anjos”. É sabido que à medida que Shinji luta contra os “Anjos” a bordo do EVA-01, ele adquire habilidades cada vez maiores com a arma, conforme evidenciado na narrativa pelos dados de sincronia com o EVA-01. Cada “Anjo” que surge demanda não apenas perícia com a arma, mas também uma resposta emocional por parte de Shinji.

Assim, em um determinado momento da estória, Misato revela a Shinji a verdade sobre o “Segundo Impacto”, e sobre a origem tanto dos “EVAs” quanto dos “Anjos”. O “Primeiro Impacto” ocorreu quando um corpo celestial carregando a semente da vida chamada “Lilith” caiu na terra, entretanto, a terra já carregava outra semente da vida chamada “Adão”, algo que não deveria ocorrer. Nisso, “Adão” deu à luz aos doze “Anjos” e de “Lilith” nasceu a humanidade. Na sequência houve um “Segundo Impacto”, porém esse causado pelos próprios humanos, durante a tentativa de reduzir “Adão” desperto, a uma forma embrionária.

Os “EVAs” são os “*Mechas*” da série, os robôs gigantes, semelhantes a robôs biomecânicos, projetados para enfrentar as ameaças dos “Anjos”, entidades misteriosas que atacam a Terra. Na narrativa, eles possuem uma parte biológica, revestida por uma armadura de metal, sendo originados de “Adão” que proporcionou a base biológica dos “EVAs”. Eles foram criados a partir da combinação de tecnologia avançada e a biologia das criaturas primordiais, utilizando uma combinação de materiais sintéticos e partes orgânicas.

Para que a arma “EVA” seja pilotada, é introduzida uma espécie de cápsula com os pilotos dentro. Essa cápsula é revestida por um líquido que permite que os pilotos respirem mesmo estando imersos nele. É através da conexão entre o piloto e a arma, medida pela taxa de sincronia, que o ciborgue é operado. O EVA-01, pilotado por Shinji, pode ser interpretado como uma representação simbólica da *persona*. Este arquétipo corresponde à máscara utilizada socialmente pelo *ego*, desempenhando a função de adaptação na interação entre o *ego* e o ambiente. Inicialmente, suas raízes estão na influência dos pais, que transmitem

comportamentos, códigos e valores culturais (Whitmont, 1998). Destaca-se aqui esse fator relevante da influência dos pais, pois o EVA-01 possuía a alma de Yui Ikari – mãe de Shinji – que ficou presa no ciborgue durante um acidente ocorrido em um experimento,

Em determinado momento no mangá um dos colegas de classe de Shinji é testado como piloto de um dos ciborgues e, durante o teste, ele é atacado por um “Anjo” que toma o controle da arma, ficando a cargo de Shinji matar a criatura. O que se passa é que Shinji hesita, pois seu amigo continua dentro da criatura, porém Gendo consegue controlar o EVA-01 de Shinji remotamente e utiliza a arma para matar o “Anjo” e consequentemente o garoto. Shinji presencia a morte do colega pela sua própria arma. Nesse trecho podemos inferir a presença e a influência do complexo paterno negativo sobre o *Ego* e como ele induz certos comportamentos da *Persona*.

Os complexos, devido à sua autonomia, possuem uma energia intrínseca que, por vezes, excede a intenção consciente. Esses complexos, e no caso o complexo paterno, podem resultar em rupturas na ordem consciente, manifestando-se por meio de sintomas neuróticos e outras formas de disfunções psicológicas (Jung, 2000). Na experiência humana, o pai (figura paterna) representa a primeira manifestação de alteridade para a criança. A sua presença, percebida como distinta do vínculo simbiótico entre mãe e bebê, instiga a criança a explorar sua capacidade de diferenciação em relação à mãe, impulsionando o desenvolvimento de sua identidade única e sua forma de interagir com o mundo ao seu redor.

No caso de Shinji, a falta de presença paterna na infância resulta em desafios no processo de emancipação, principalmente do domínio da Grande Mãe, que é sempre influenciado e mediado pela figura materna. Assim, nesse enredo vimos como a ausência do pai tem de contribuir para o fracasso da internalização adequada do arquétipo paterno em Shinji, levando à cristalização da *psique* em conflitos decorrentes da polaridade inerente ao arquétipo, culminando na manifestação do complexo paterno, que se manifesta tanto através da projeção de um pai tirânico (devorador) internamente na *psique* (Hollis, 1997).

Outra passagem significativa ocorre quando o EVA-01, comandado por Shinji, perde o controle durante um dos combates, tomando de certa maneira consciência própria, sob a forma animalésca. Nesse momento, Shinji é absorvido pela arma e se dilui no interior do EVA-01, devorando assim um dos “Anjos”. Essa passagem demonstra psicologicamente o ápice da identificação do *Ego* com a *Persona* em Shinji. Conforme destaca Da Silveira (2023), a *Persona* constitui um sistema de defesa, que pode se tornar tão bem sucedida a ponto do *Ego* se

identificar com sua própria máscara. Aqui temos um momento em que a *Persona*, se mostra enraizada na personalidade, o que será mais difícil removê-la.

Os “Anjos”, criados por “Adão”, são criaturas também gigantes. Eles são as primeiras ameaças apresentada no enredo, lembrando que Shinji chega à cidade durante o ataque de um “Anjo”. Jean Chevalier em “Dicionário de símbolos” descreve os Anjos como seres que transitam entre o céu e a terra e ocupam, na maioria das vezes, a função de mensageiros de Deus, tendo suas principais representações na fé judaico-cristã. Entretanto, esses seres podem ser encontrados em relatos mais antigos que ocupam cargos ou trabalhos diferentes a mando de Deus (Chevalier, 1906/2001). Os “Anjos” na série representam entidades misteriosas e ameaçadoras que desafiam a humanidade e, apesar de possuírem formas angelicais, muitas vezes têm comportamentos destrutivos e que representam forças obscuras e inconscientes.

Na história de Shinji os “Anjos” representam simbolicamente os aspectos sombrios, ou facetas da *Sombra*. Assim, Shinji ao confrontar os Anjos está, em verdade, confrontando suas próprias sombras internas e os conflitos internos que elas representam. A batalha contra os Anjos torna-se, portanto, não apenas uma luta física, mas também uma jornada de confronto e integração dos aspectos mais sombrios e temíveis de si mesmos. A *sombra*, conforme descreve Whitmont (1998), representa os aspectos do *Ego*, que foram reprimidos por não serem compatíveis com as exigências da *persona*; são reprimidos tanto os aspectos negativos rejeitados pelo *Ego*, quanto os aspectos positivos desconhecidos por ele. Cabe salientar que a relação entre *Sombra* e *Persona*, no sentido individual e coletivo, constitui uma das etapas na formação do *Ego*.

O último “Anjo” revelado na trama é Kaworu Nagisa, que ao contrário das criaturas anteriores, toma a forma de uma criança, da mesma idade de Shinji, para se infiltrar na NERV como piloto. Kaworu se mostra como um garoto confiante e provocativo e, por sempre tentar forçar uma aproximação com Shinji, cria situações desconfortáveis. Após se revelar como o último “Anjo”, Kaworu desce ao núcleo da NERV, onde descobre o corpo de "Lilith" escondido no interior da organização, fica a cargo de Shinji ir atrás do "Anjo" para impedi-lo de iniciar o "Terceiro Impacto". Entretanto, Kaworu questiona a capacidade de Shinji de feri-lo, por ter a aparência de um humano, e alega que o "Terceiro Impacto" é irrelevante para ele, pois iria morrer de qualquer forma. Considerando as circunstâncias, Kaworu compartilha que a única decisão que lhe resta é a forma como encontrará seu fim, e num último pedido, solicita a Shinji que seja ele o executor, com suas próprias mãos. Mesmo hesitando sobre tal pedido, Shinji

acaba decidindo executar o "Anjo". Kaworu é responsável por levar Shinji ao limite, a relação entre os dois personagens é rápida e intensa, evocando antigos dilemas de Shinji.

Podemos dizer que Kaworu representa os aspectos rejeitados pelo *Ego* consciente de Shinji, quer dizer, parte da sua *Sombra*, talvez consequente da inflação do próprio *Ego*. Para Edinger (2020) a inflação do *Ego* constitui um estado de identificação do *Ego* com o *Si-mesmo* (*Self*), que como representa a totalidade, remete a um estado de perfeição. Assim, no ápice da identificação entre essas duas instancias, o *Ego* não consegue se diferenciar desse estado original, acreditando adquirir atributos divinos, como representação de um *Ego* inflado. A presença Kaworu não representa apenas conteúdos da *Sombra* relacionados ao materno e paterno, mas sim um falso *Self* de Shinji. O falso *Self* na Psicologia analítica refere-se a uma *Persona* ou identidade que não é autêntica, mas sim uma construção superficial que uma pessoa apresenta ao mundo externo.

Então, Kaworu, ao interagir com Shinji, cria uma dinâmica em que se torna um espelho para o garoto, refletindo aspectos da personalidade e dos conflitos internos de Shinji. No mangá, ele aparece como uma figura carismática e idealizada, despertando sentimentos conflituosos em Shinji, que mesmo não gostando de Kaworu, de certa maneira acaba se aproximando do garoto, mas sempre rejeitando uma amizade entre os dois. Isso faz com que, a conexão entre ambos seja uma ilusão, já que Kaworu não é verdadeiramente o que parece ser. Temos que essa interação com Kaworu desencadeia uma crise de identidade em Shinji, levando-o a questionar sua própria autenticidade e a natureza de sua relação com os outros. O falso *Self*, portanto, serve como um catalisador para a jornada de autoconhecimento de Shinji, confrontando-o com a necessidade de confrontar sua própria verdadeira identidade e enfrentar os aspectos mais profundos e sombrios de sua *psique*.

Na conclusão da trama, após a revelação de que Gendo escondia na NERV o corpo de "Lilith", a organização é atacada pela SEELE, que na verdade estava por trás de todo o projeto. Descobrimos então que os "Anjos" atacavam a base para se fundirem com "Lilith" e provocar o "Terceiro Impacto", eliminando todas as outras espécies e dando origem a uma nova forma de vida na Terra. Por outro lado, a SEELE buscava usar os "EVAs" para o "Projeto de Instrumentalidade Humana", visando destruir tanto os "Anjos" quanto a humanidade, para que uma nova forma de vida pudesse evoluir. No entanto, Gendo tinha objetivos pessoais, envolvendo sua falecida esposa, mãe de Shinji, e o embrião de "Adão".

No desfecho, Rei se funde ao corpo de "Lilith", assumindo uma aparência divina, enquanto Shinji, a bordo do EVA-01, passa por uma transformação que é simbolicamente semelhante à crucificação. Na representação desta cena no mangá, o EVA-01 assume a forma de uma cruz e Shinji, dentro dele, apresenta marcas de perfurações nas mãos. Esse novo ser, que incorpora tanto "Lilith" quanto Rei, decide se unir a Shinji para que ele possa possuir as duas sementes da vida, desencadeando o "Terceiro Impacto".

É comum que a figura de Lilith seja relacionada com a face negativa da *Anima*, porque, segundo Mikosz (2017), o mito Lilith tem base na tradição oral cabalística judaica, onde Eva não é a primeira mulher criada por Deus e sim Lilith. No mito, Lilith foi criada da terra da mesma forma que Adão, mas que, em certo momento, ao se recusar a se submeter a Adão, Lilith pronuncia o nome de Deus em um acesso de raiva, sendo então expulsa do Paraíso que, posteriormente, adquiriu características demoníacas. Embora o nome Lilith inicialmente sugira uma conotação negativa da *Anima*, no mangá ela é retratada como a mãe da humanidade. Sua representação visual incorpora tanto a forma de Rei, clone da mãe de Shinji, quanto aspectos da Grande mãe e da mãe pessoal de Shinji. Esse aspecto "divino" indica que o elemento feminino passou por uma evolução, não mais fragilizado como no início.

Outro ponto a ser explorado são as transformações que o EVA-01 de Shinji sofre durante os eventos que se passam. Inicialmente, toma um aspecto de uma cruz, os estigmas que aparecem tanto no ciborgue quanto em Shinji remetem a crucificação, logo após ser escolhido por Rei/ "Lilith". Na sequência ao conter ambas as sementes da vida, EVA-01 de Shinji toma a forma de uma grande esfera negra. Aqui, encontramos algumas representações comuns do *Self*, arquétipo que até então estava oculto e é personificado por Rei/"Lilith". Em outras palavras, é a *Anima* que o revela.

A figura da crucificação (Cristo) é outra representação simbólica da totalidade, que, de acordo com Jung (2008), remete a um dos símbolos do *Si-mesmo (Self)*, sendo a representação divina na terra que forma a *imago dei*, o homem sem pecado que remete a um estado de conexão divina, análogo à figura de Adão criado a semelhança de Deus. Representa também, simbolicamente, a possibilidade do homem ser perdoado dos seus pecados, e assim se aproximar dessa representação divina. Como um dos causadores do "Terceiro Impacto", Shinji contém na história a semente de "Adão", mas não o "Adão" original e sim, um novo Adão. Esse novo ser se relaciona com a já mencionada figura de Cristo que, para com Von Franz (2008), remete a representação do homem primordial, que apesar de ser conhecida pela tradição judaico-cristã, pode ser vista em várias tradições e, por vezes, reúne a função de guia para o divino.

Podemos dizer que na trama é uma das representações simbólicas do *Self*, a ideia de um ser completo criado a imagem e semelhança de Deus, portanto, de proporções divinas, em outras palavras unificado com Deus.

Também encontramos a imagem da esfera, que, de acordo com Da Silveira (2023), está simbolicamente ligada ao *Si-mesmo* como uma representação de totalidade. Essa associação é evidenciada pelas formas circulares, como as mandalas, por exemplo, pois, segundo a autora: “O centro da mandala representa o núcleo central da psique (self), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia” (p.114). Em concordância Edinger (2020) afirma que:

O Si-mesmo é descrito de forma mais simples como a divindade empírica interna e equivale à imago Dei. Jung demonstrou ainda que o Si-mesmo apresenta uma fenomenologia característica: ele é expresso por meio de determinadas imagens simbólicas típicas denominadas mandalas. Todas as imagens que enfatizam um círculo com um centro e que normalmente apresentam um elemento adicional referente a um quadrado, uma cruz ou outra apresentação de quaternidade se enquadra nessa categoria (Edinger, 2020, p.19-20).

Durante o “Terceiro Impacto”, enquanto as almas da humanidade são diluídas, Shinji acorda em um lugar sozinho com Rei, ela revela que ambos estão na fonte da vida, a origem de tudo, um estado anterior a criação da vida onde não existe nenhuma individualidade, portanto, sem sofrimento. Shinji admite que aquele já foi o seu desejo, mas que não pensa mais assim, pois seria como estar morto, não tem nada ruim, mas também nada bom, o garoto pede para que ela reverta tudo e retorne o mundo a sua forma original. Esse recorte final pode ser compreendido como um momento decisivo do processo de individuação, no qual Shinji alcança uma consciência mais elevada de si mesmo e de suas próprias necessidades, optando por retornar à realidade com suas imperfeições e desafios, em vez de permanecer em um estado de anulação da individualidade.

A negação perante ao convite tentador da *Anima* de permanecer nesse inconsciente sem conflito, mostra um amadurecimento do *Ego*, e corrobora com a presença de símbolos ligados ao *Self*. Temos em síntese um momento que o *Ego* já se diferenciou da sua *Persona*, podendo então tomar consciência da sua *Sombra*, seja pelos conteúdos maternos e paternos, além da própria *anima*. Uma *anima*, que no início se apresentou fragilizada, e neurotizada agora toma proporções divinas, mas que ao escolher Shinji para receber a semente de “Lilith”, indica que princípio feminino está sendo assimilado.

A influência da *Anima* é evidente no progresso do desenvolvimento de Shinji, sendo ela uma companheira na compreensão de seus sentimentos, afetos e dilemas internos. Ao longo de sua jornada, Shinji encontra na *Anima* uma figura simbólica que o acompanha, e sua relação com ela, conforme retratado no mangá, reflete seu crescimento pessoal e amadurecimento. Nesse contexto, a *Anima* desempenha um papel crucial na jornada interior de Shinji, como descrito por Jung et al (2017), quando o *Ego* falha em reconhecer os aspectos ocultos do inconsciente, a *Anima* surge como uma guia, ressignificando o complexo materno e auxiliando na compreensão dos conteúdos ocultos (*Sombra*), atuando como facilitadora na compreensão mais profunda do *Self*. Ainda, como afirma Jung (2008, p. 20): “Só se pode conhecer a realidade da sombra, em face de um outro, e a do animus e da anima, mediante a relação com o sexo oposto, porque só nesta relação a projeção se torna eficaz”.

Assim, o feminino é essencial tanto para homens quanto para mulheres, contribuindo significativamente para o processo de individuação e desempenhando um papel fundamental na estruturação psicológica dos indivíduos. É por meio da *Anima* que os homens enfrentam seus desafios afetivo-eróticos e as mulheres encontram a expressão do si-mesmo feminino. Podemos dizer então que é princípio feminino que facilita o processo de individuação em ambos os sexos, agindo como um complemento: enquanto o masculino busca a consciência através do acesso ao inconsciente, o feminino traz a consciência à tona por meio da exploração do inconsciente (Jung, 2008). Agora, de acordo com Whitmont (1998), a integração do aspecto da *Anima* no homem pode facilitar a transformação das:

[...] emoções cegas em sentimentos genuínos, abre as portas da alma, para a integração da espontaneidade, da sensibilidade, da receptividade, da adaptabilidade e do entusiasmo, mas também para a assimilação da agressividade e das funções inferiores e, portanto, da habilidade de dirigir de forma construtiva o temperamento (Whitmont, 1998, p. 177).

Concluindo, podemos afirmar que arquétipo da *Anima* desempenhou um papel central no processo de individuação de Shinji, permitindo-lhe o reestabelecimento com o *Self*. Por meio das diferentes manifestações da *Anima* ao longo da narrativa, como Rei e Asuka, Shinji é confrontado com aspectos inconscientes de sua psique e desafiado a reconhecê-los, visando a integração. Essa jornada de autoconhecimento e transformação é fundamental para o desenvolvimento pessoal de Shinji e o encaminha em direção ao caminho da individuação, no qual ele busca a realização de sua totalidade psíquica e transcendência do *Ego*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aparição de temas nos mangás, como aqueles recorrentes nos contos e fadas e nos mitos, colabora com a ideia que o mangá também retrata uma história arquetípica, sendo assim, de grande valor para a Psicologia. O personagem Shinji do mangá “Neon Genesis Evangelion”, representa uma jornada simbólica rica em significados, cuja jornada de desenvolvimento pode ser de grande valor para o entendimento do processo de desenvolvimento psíquico, ou seja, o processo de individuação descrito por C. G. Jung. Assim, temos a possibilidade de encontrar como os personagens se aventuram pelo inconsciente coletivo e lida com seus próprios conflitos no inconsciente pessoal e, sob a lente da Psicologia analítica, podemos explorar a dinâmica entre os arquétipos e compreender melhor a psique humana.

Durante a análise do mangá, tornou-se evidente que a jornada de Shinji transcende os limites da narrativa, refletindo paralelamente um processo intrincado de desenvolvimento psicológico. Experienciando o que foi conceituado como processo de individuação, Shinji passa por uma jornada psicológica de autodescoberta guiada pela sua *Anima*. Ao longo dessa jornada, ele mergulha nas profundezas de seus próprios complexos (paternos e maternos), confrontando sua compreensão do mundo e de si mesmo. Gradualmente, ele se desvencilha das camadas superficiais de sua *Persona*, enfrentando corajosamente os aspectos mais sombrios de sua *psique*. No clímax desse processo, Shinji confronta de forma conflituosa e, ao mesmo tempo, harmoniosa o elemento feminino dentro de si, alcançando uma síntese curativa e criativa de sua identidade e transcendendo as dualidades que o afligiam anteriormente. Assim, a jornada de Shinji ecoa não apenas como uma história fictícia, mas como um poderoso exemplo da jornada humana em direção à integração e realização pessoal.

Todavia, cabe-nos ressaltar que não tivemos por objetivo esgotar o tema e a análise interpretativa nesse estudo, mas sim destacar alguns elementos significativos que encontramos em alguns dos momentos decisivos da narrativa. Também é importante enfatizar que uma análise, principalmente do desfecho da história em outras mídias – devido a diferentes versões – poderia contribuir para uma compreensão mais ampla da obra. Além disso, será pertinente então outras análises e aprofundamento em temas ou arquétipos não abordados neste trabalho, como: a influência da cultura japonesa, o contexto temporal em que a obra foi lançada e o uso de termos e imagens religiosas; aspectos que permeiam a narrativa e que podem enriquecer a discussão.

7. REFERÊNCIAS

- Alvarenga, M. A. D. C. (2023). *Mangás - Histórias em quadrinhos da terra do sol nascente*. Revista Estética e Semiótica, 13(1), 74-86.
- Cardoso, W. S. C. (2018). *A alquimia no processo de individuação*. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.37318>
- Cavallaro, D. (2009). *The art of Studio Gainax: experimentation, style and innovation at the leading edge of anime*. McFarland & Company.
- Chevalier, J. (1906/2001) *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. (16ª ed). Jose Olympio.
- Da Silveira, N. (1976/2023). *Jung: vida e obra*. (2ª ed). Paz e Terra.
- Edinger, E. F. (2020). *Ego e arquétipo*. Editora Cultrix.
- Felipe, K. (2012). *A representação de dilemas morais e existenciais em Neon Genesis Evangelion*.
- Hillman, J. (2020). *Anima: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher*. (2ª ed). Editora Cultrix.
- Hollins, J. (1997) *Sob a sombra de Saturno*. Editora Paulus.
- Jung, C. G. (2000). *A Natureza da Psique*. Editora Vozes.
- Jung, C. G. (2002). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (2ª ed). Editora Vozes.
- Jung, C. G., (2008). *AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. (7ª ed). Editora Vozes
- Jung, C. G. (2014). *O eu e o inconsciente*. Editora Vozes.
- Jung, C. G. (2016). *Estudos Alquímicos*. Editora Vozes
- Jung, C. G., Henderson, J. L., Von Franz, M. L., Jaffé, A., Jacobi, J., & Freeman, J. (2017). *O homem e seus símbolos*. (3ª edição especial brasileira). HarperCollins Brasil.
- Jung, C. G. (2022). *O indivíduo moderno em busca de uma alma*. Editora Vozes.
- Kast, V. (2019). *Jung e a Psicologia profunda: um guia de orientação prática*. Editora Cultrix.
- Leite, D. M. (1967). *Psicologia e literatura* (2ª ed.). Edusp.

- Mendes, A. L. D. S. (2006). *Mangá: uma nova gênese: análise da história em quadrinhos Neon Genesis Evangelion*. <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/89433>
- Mikosz, J. E. (2017). *A mulher e o mal a alma negativa, o mito de lilith e a santa inquisição*. Revista Húmus, 6(18). Recuperado em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6331>
- Sadamoto, Y. (2011-2014). *Neon Genesis Evangelion* - Edição Especial (Vol. 1-14). Editora JBC
- Stein, M. (2000). *Jung: O mapa da alma*. Editora Cultrix.
- Stein, M. (2020). *Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa*. Editora Cultrix.
- Villela, F. S. L. (2015). *Psicologia e literatura: a experiência literária na formação do psicólogo*. [Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.47.2016.tde-04042016-115646>
- Vitale, A., Neumann, E., Stein, M., Hillman, J., von der Heydt, V., & Berry, P. (1979). *Pais e mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. Editora Símbolo.
- Vogler, C. (2006). *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. (2.ed.). Editora Nova Fronteira.
- Von Franz, M-L. (1990). *A interpretação dos contos de fada*. Editora Paulus.
- Von Franz, M-L. (2008). *A individuação nos contos de fada*. (5. ed). Editora Paulus.
- Von Franz, M-L., & Hillman, J. (1990). *A tipologia de Jung*. Editora Cultrix
- Whitmont, E. C. (1998). *Busca Do Símbolo*. Editora Cultrix.